PARA LER ANTES DE TUDO ou EU, FALANDO DE MIM MESMO

Norton F. Corrêa (nortonfc38@gmail.com)

Quando ministrei uma palestra sobre o batuque, em uma universidade de Buenos Aires, em abril de 2016, contei, como sempre faço, algumas pequenas histórias sobre o que poderia ser chamado de os bastidores da pesquisa antropológica. São relatos e comentários a respeito de conversas e relações com os pesquisados, episódios de que participamos, sentimentos, impressões pessoais, observações, emoções, atitudes que tomamos no campo de pesquisa e assim por diante, pois nós, antropólogos, apesar da formação científica, somos pessoas como quaisquer outras.

Seguidamente há, nesses bastidores, coisas e acontecimentos engraçados, interessantes, que não raro dão colorido e calor humano às próprias situações concretas da pesquisa. E muitas vezes contém dados que contribuem para uma melhor compreensão do universo pesquisado. Por isto têm conotação antropológica, já que resultam do próprio ato de pesquisar, que deve seguir o princípio indispensável do método antropológico: conviver com os pesquisados. Mas nem sempre estas coisas são colocadas nos trabalhos que publicamos.

Terminada a palestra, o organizador do evento, o também antropólogo e pesquisador argentino, Alejandro Frigerio, mas sobretudo velho e querido amigo, me sugeriu: por que não escreves estas coisas, Norton?

O tempo foi passando, mas de repente bateu a inspiração: o primeiro artigo, Ogum, Bará e Avagã, foi escrito em pouco tempo e postado no feice. Fez um sucesso que nem de longe eu esperava: foi lido, relido, comentado, curtido, elogiado e alvo de muitos pedidos para que escrevesse outros. Além disto, foi publicado na revista Olorum, nº 43, outubro de 2016, vertido para o espanhol e publicado no blog do próprio Frigério.

O artigo me trouxe boas lembranças, além de muita saudade daqueles tempos e pessoas, como o grande sacerdote e grande amigo, além de informante, Ayrton (Paixão) do Xangô, com quem aprendi um pouco do jogo de búzios no próprio tabuleiro dele, e outros, com quem convivi e muito aprendi. A reboque destas primeiras lembranças vieram outras, que viraram novos artigos.

Quem, como eu, tem muito tempo de pesquisa e ingressa na carreira universitária, em geral escreve bastante. Estes trabalhos normalmente são publicados em revistas especializadas, congressos, coletâneas ou como dissertações e teses. A maioria deles nasce no ambiente acadêmico - alunos e professores - a ele se destina e é lida por pouca gente. Boa parte, ainda, é escrita em uma linguagem acadêmica pouco acessível a também boa parte das pessoas, inclusive as que participaram desses trabalhos como pesquisados. A vontade de tentar evitar esses problemas quanto aos meus escritos, mas sobretudo o estímulo dado pelo Frigerio foram fundamentais para eu decidir criar essa página. Meu objetivo é reunir nela principalmente material que escrevi (e escreverei) sobre temas afro, agregar-lhe trabalhos meus na área da cultura popular e também escritos de outros que eu veja como interessante ou útil para a comunidade religiosa.

Além desses escritos, falo, aqui, também um pouco de mim mesmo, como pessoa, e do meu trabalho, como pesquisador.

O antropólogo e o praticante

O primeiro artigo que escrevi para a página fala de um antiquíssimo Ogum em vulto, de madeira, que ganhei de presente do Ayrton do Xangô. Fala, também, do ocutá de um sentamento de um Lodê e o de um Avagã numa vasilha que encontrei numa ruela da Pedra Redonda e levei para casa. Certamente coisas de egum. Imaginei que algum amigo poderia me alertar sobre o perigo de guardar essas obrigações, questão que retomo mais abaixo.

Sempre me declarei e declaro abertamente que nunca fiz qualquer iniciação, no batuque, me mantive apenas como pesquisador. Como optei conscientemente por esta condição, e meu objetivo foi procurar compreender o máximo possível deste universo fascinante, não hesitei em trilhar caminhos em que um iniciado, justamente por suas crenças, muito dificilmente trilharia. Acho que seriam poucos os religiosos que recolheriam a tal vasilha, além de objetos de despachos para vários fins e destinatários.

Li um artigo em que pais-de-santo do Rio de Janeiro foram chamados para buscar objetos rituais que haviam sido apreendidos pela polícia há muitos anos e estavam guardados nalguma delegacia. Todos se recusaram a levá-los, alegando que eram coisas de mortos e por isto queriam distância delas. A recusa reflete o olhar do religioso, mas não necessariamente o de um pesquisador como eu, porque entendo que esses materiais fazem tão parte do universo batuqueiro como uma festa, aressum ou serão. Por sua importância, alguns estão no meu pequeno museu doméstico e já fiz deles temas de palestras, aulas e exposições que despertam, acrescente-se, muito interesse.

Falar no olhar do religioso, no do pesquisador e da relação entre esses olhares é cair no terreno da Antropologia. O objetivo do antropólogo, basicamente, é entender o modo de pensar dos pesquisados e para isto é preciso compreender o sentido (ou significado), das expressões coletivas de todos os tipos que emitem. Por exemplo, um anel de cobra no dedo, guias brancas, a palavra “axorô”, gestos como sacudir os braços na saída dos sacos do aressum e tudo o mais da religião.

O olhar *de dentro* e o olhar *de fora*

Nós antropólogos dizemos que o pesquisado tem o olhar “de dentro”, de quem vive na comunidade e conhece sua cultura. O antropólogo tem o “de fora”, que lhe permite observar certos aspectos do contexto cultural do grupo que seus próprios integrantes não percebem, fazer interpretações e criar teorias sobre o que observa. Mas sabemos, também, que nossas análises ficarão muito incompletas e menos confiáveis se não contarmos com o conhecimento do pesquisado. Por isto é que o convívio, o máximo possível, com ele, é condição indispensável para fazermos nosso trabalho. E foi isto que busquei quanto ao batuque.

Mas há um problema complicado, aqui, que vou só apontar: o convívio com o pesquisado deve ser o máximo possível, como referi, mas o pesquisador deve manter o que em Antropologia se chama “distanciamento” do tema que pesquisa. O nível desse distanciamento é pessoal, depende de cada um. O próprio batuque é um bom exemplo: não manter o distanciamento é virar batuqueiro, se converter à religião. Na minha opinião, a conversão resulta em obediência ao sacerdote, além do respeito a limitações que a vida religiosa determine. Ou seja, perde-se a independência e muito da condição de pesquisador. Mas, no meu caso, não vejo problemas pelo envolvimento com os pesquisados, pelo contrário, tanto é que tenho centenas de amigos entre eles. Graças a essas amizades, muita coisa aprendi. Além disso, sempre que é preciso boto a minha voz a serviço de suas causas.

Voltando à questão do olhar: como os batuqueiros gentilmente me disponibilizaram seu olhar de dentro, me senti na obrigação de lhes oferecer o meu, de fora. Por isto, incluo interpretações antropológicas em artigos da página ou comentários básicos sobre a Antropologia. Mas ninguém se assuste, porque presto muita atenção para que as explicações fiquem bem claras para todo mundo. Faço isto porque imagino que possam enriquecer as vivências dos filiados e suas reflexões sobre a religião. Mas também é uma forma, embora mínima, de retribuir o saber que compartilharam comigo.

“Ir para o chão” – uma breve análise antropológica

O procedimento, aqui, é fazer uma “leitura” analítica dos comportamentos dos pesquisados “no chão”.

Terminado o serão, a pessoa deve cumprir certos procedimentos: vestir-se de branco, ficar deitada, falar o mínimo possível, comer com as mãos, não sentar em bancos, não manter relações sexuais, não ficar exposta ao sol (o salão é escurecido) e manter o sangue na cabeça durante três dias. Depois vem o passeio, com visitas a lugares importantes da cidade para a religião e chefes que vieram à festa.

Análise antropológica: esses preceitos, ponto a ponto, com exceção do sangue, são comparáveis aos de um morto (cuja cor é o branco, no batuque) no túmulo, porque morto não fala, fica deitado, não transa e o túmulo é escuro. Após o tempo de “morte”, onde o passado é simbolicamente apagado, há o renascimento, também simbolicamente, para a vida religiosa, renovando o pacto com o seu orixá. Ao renascer, o religioso é apresentado ao “mundo”, ou seja, os locais e pessoas aos quais vai no passeio.

Ética e respeito

Voltando ao caso dos despachos. Mesmo não sendo de religião, dizia para mim mesmo que havia uma questão delicada de ética e respeito, da minha parte, nessas recolhas de despachos, pois afinal alguém fazia a oferenda a uma entidade espiritual na qual tinha fé, para receber proteção. Então fui perguntar a pais de santo antigos, além de um dos primeiros e sábio colaboradores da minha pesquisa sobre a religião, Érico (Machado) do Ogum, quanto ao fato de alguém mexer ou tirar coisas de despacho inclusive para comer, como se sabe que acontece. Explicaram basicamente a mesma coisa: uma vez colocado onde deveria, seria imediatamente recebido pelo orixá ou entidade a quem fosse oferecido. Se alguém retirasse algo, o problema, se houvesse, passaria a ser de quem tirou. Um dos desses religiosos comentou que se alguém desse um presente a alguém e o presente, depois, fosse roubado, o presenteador não teria qualquer responsabilidade sobre o acontecido. Com isto, minhas inquietações foram resolvidas e então comecei a coletar materiais não percíveis em despachos, embora sempre seguindo os preceitos recomendados pelos religiosos.

Fotos e direitos à própria imagem

Em vários dos artigos coloquei fotos de pessoas diversas da órbita das religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. Se em posseção, por exemplo, apenas se falecidas. Em outros casos, são de participantes de eventos rituais ou não. Meu objetivo, com isto, é permitir que vejam a si próprias, no passado, ou sejam reconhecidos por outros. Mas de qualquer forma, são documentos que também falam sobre a religião, sua história e seus integrantes.

Levanto o assunto porque conheço as questões legais que envolvem os direitos à imagem pessoal. Se alguém dos leitores entender que está tendo seus direitos prejudicados, como descendente de pessoas aí mostradas ou algo assim, basta que eu seja comunicado para que retire as fotos.

Pesquisar e publicar

Quando comecei a fazer as pesquisas sobre o batuque, nunca imaginei que um dia uma parte delas virariam livro e aconteceria o que aconteceu, sua grande aceitação pelo povo de religião. O caso me faz lembrar da saudosa e sábia Mãe Ester (Ferreira) da Iemanjá, quem primeiro me deu a mais ampla liberdade em seu templo. Alegou que um dia ela não estaria mais neste mundo, mas a lembrança dela e da casa ficariam perpetuadas num livro que eu iria escrever. A previsão foi certíssima! Nele consta o que vi e ouvi o batuque daquela época, seus rituais, sacerdotes e seguidores.

Não canso de agradecer a todas estas pessoas pelos ensinamentos que me passaram sobre a religião, mas também para a minha vida pessoal. Foram herdeiros de uma tradição também passada para eles por muitos e muitos outros que os antecederam, tradição esta que tentei captar e botar no papel.

O primeiro trabalho que publiquei foi um artigo de página inteira no gordo Caderno de Domingo do antigo Correio do Povo, em coautoria com o meu parceiro de pesquisa, o médico psiquiatra Ronaldo Moreira Brum. Fizemos um texto muito sofisticado, complexo, frases rebuscadas, difícil de ler - e a tal ponto que o jornalista que o recebeu, (“editor”, no jargão jornalístico), Jayme Copstein, me chamou. Comentou que o conteúdo estava muito bom, mas eu devia levar em conta que boa parte dos leitores do Caderno, curtiam a folga, descontraídos, buscando textos interessantes mas leves, de leitura fácil. E então disse algo que me serviria de marco para o que eu escreveria dali em diante: “O texto escrito é antes de tudo para ser lido”. A partir daí apliquei esse conselho também à minha produção acadêmica, incluindo a dissertação de mestrado (que virou o livro O Batuque) e a tese de doutorado (que vai virar). Sobre isto, vale a pena contar o que aconteceu na apresentação do trabalho de mestrado.

Na sala do exame, ao fundo, uns trinta religiosos do batuque, incluindo o presidente da Afrobrás. Um dos professores da banca criticou o trabalho dizendo que “estava muito jornalístico, não refletia o estilo acadêmico. A minha resposta – uma pergunta - foi na mesma base do que eu disse acima: perguntei para ele, primeiro, se o trabalho era antropológico e científico, ao que ele respondeu ‘muito’. Segundo, se a produção científica deveria ficar apenas entre os acadêmicos e portanto numa linguagem compreensível só por eles; ou deveria ser democratizada – e nesse caso com linguagem acessível - e aponte para o pessoal do batuque. Claro que ele teve de concordar...

O material mais antigo que acaso não seguiu essa norma foi revisado para ser colocado na página. Tudo, ali, pode ser copiado só não esquecendo de manter o meu nome como autor.

O que desejo, com estes escritos – também uma herança que deixo a quem interessar possa - é que através deles possa fazer a minha parte neste passa-passa cultural de séculos, transmitindo o que pude colher com os antigos para que as atuais e futuras gerações de batuqueiros levem a velha tradição ancestral adiante.

Oxéu!

(Escrito na cidade do Porto, Portugal, 2016).